



VOLUME - V.3

NÚMERO - N.2

DEZ. - 2025

ISSN: 2966-1439

P.293-306

## A LITERATURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

### A PARTIR DE CONTOS DA LITERATURA BRASILEIRA

LITERATURE IN YOUTH AND ADULT EDUCATION BASED ON BRAZILIAN  
LITERATURE SHORT STORIES

Gabriela Mendes Morais<sup>1</sup>  
Rodrigo Corrêa Martins Machado<sup>2</sup>  
Rosângela Márcia Magalhães<sup>3</sup>

**RESUMO:** Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a Literatura Brasileira desempenha um papel fundamental ao aproximar os estudantes de sua cultura e de seu povo. Os textos utilizados vão além do cotidiano, apresentando situações e percepções que estimulam uma imersão transformadora, revelando a diversidade do Brasil e fortalecendo a autoestima dos alunos. Para ser efetiva, a mediação do professor deve incluir não apenas habilidades de leitura, mas também conteúdo e metodologia adequados às necessidades dos estudantes, garantindo um aprendizado bem-sucedido. É importante compreender que os textos literários não oferecem respostas prontas, mas sim questionamentos que desafiam o sentido convencional, por isso, é necessário despertar para as múltiplas interpretações que essas leituras polissêmicas proporcionam, explorando as diversas possibilidades da palavra literária. Dessa forma, o presente trabalho traz um relato de experiência sobre práticas literárias realizadas por mim, enquanto professora de Língua Portuguesa na EJA (Ensino Fundamental Anos Finais) em uma escola municipal da cidade de Ouro Preto, Minas Gerais. Abordar a literatura na EJA é um desafio, porém, os resultados compensam ao percebermos o enriquecimento dos alunos e sua conscientização plena da cidadania, sem exclusões, especialmente no aspecto pessoal e na compreensão do seu papel na vida.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos. Ensino. Leitura. Literatura.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: [gabriela.morais@aluno.ufop.edu.br](mailto:gabriela.morais@aluno.ufop.edu.br).  
<https://orcid.org/0000-0002-5405-3066>

<sup>2</sup> Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: [rodrigo.machado@ufop.edu.br](mailto:rodrigo.machado@ufop.edu.br).  
<https://orcid.org/0000-0001-7269-1996>

<sup>3</sup> Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: [rosangela.uabped@ufop.edu.br](mailto:rosangela.uabped@ufop.edu.br).  
<https://orcid.org/0000-0002-1941-9480>

**ABSTRACT:** In Youth and Adult Education (EJA), Brazilian Literature plays a fundamental role in bringing students closer to their culture and people. The texts used go beyond the everyday, presenting situations and perceptions that stimulate an immersive and transformative experience, revealing the diversity of Brazil and strengthening students' self-esteem. To make this effective, the teacher's mediation must include not only reading skills, but also content and methodologies suited to students' needs, ensuring meaningful learning. It is important to understand that literary texts do not offer ready-made answers, but rather questions that challenge conventional thinking; therefore, it is necessary to encourage multiple interpretations so that these readings can provide, through exploration, the various possibilities of the literary word. In this way, the present work presents an experience report on literary practices carried out by me, as a Portuguese Language teacher in EJA (Final Years of Elementary Education), at a municipal school in the city of Ouro Preto, Minas Gerais. Addressing literature in EJA is a challenge; however, the results compensate for it when we observe the enrichment of students and the development of their awareness regarding citizenship, without exclusions, especially in the social process and in the understanding of their role in life.

**Keywords:** Youth and Adult Education. Teaching. Reading. Literature.

## INTRODUÇÃO

A produção acadêmica sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) evidencia que muitos estudantes dessa modalidade tiveram pouco ou nenhum contato sistemático com a literatura ao longo de suas trajetórias escolares, em razão de processos de exclusão educacional, evasão e escolarização interrompida. Estudos apontam que, para grande parte desses sujeitos, a EJA representa o primeiro espaço institucional de acesso a práticas de leitura literária, o que revela lacunas históricas no direito à formação leitora (Ribeiro, 2006).

Existem ainda pesquisas que indicam que a ausência de experiências prévias com textos literários impacta a relação dos educandos com a leitura, exigindo práticas pedagógicas que considerem suas vivências, saberes e contextos socioculturais (Soares, 2004; Paiva; Oliveira, 2009). Dessa forma, o trabalho com a literatura na EJA assume papel fundamental não apenas no desenvolvimento de competências linguísticas, mas também na promoção da inclusão social e do reconhecimento dos sujeitos enquanto leitores e produtores de sentido.

Para além dessas considerações, torna-se inviável dissociar o ensino de literatura das aulas de Língua Portuguesa ou tratá-la como um conteúdo suplementar, uma vez que as práticas de leitura e produção textual constituem dimensões indissociáveis do ensino

da língua. Nesse contexto, o ensino da gramática deve organizar-se a partir de dois eixos fundamentais: o uso da língua nas modalidades oral e escrita e a reflexão crítica sobre a língua e a linguagem, de modo a contribuir para a ampliação da competência discursiva dos estudantes. Assim, no âmbito das práticas de leitura, a literatura assume papel central, por favorecer a formação linguística, crítica e interpretativa do aluno (Pereira, 2013).

Dessa forma, as práticas de leitura na EJA não apenas proporcionam acesso à literatura, mas também estimulam a imaginação, promovendo a reflexão crítica, desenvolvendo habilidades narrativas e ampliando o repertório cultural dos alunos. Essa experiência contribui para o crescimento pessoal, social e intelectual dos estudantes, capacitando-os a se engajarem de forma mais plena no mundo literário e na sociedade como um todo.

Como uma forma de recortar determinado gênero literário, foi escolhido o gênero conto, como uma alternativa para a introdução destes alunos ao mundo da literatura, permitindo que os alunos desenvolvessem habilidades de leitura e interpretação literária. O gênero apresenta uma estrutura narrativa concisa, com início, meio e fim, o que permite que os alunos compreendam os elementos fundamentais da narrativa, como enredo, personagens, cenário e ponto de vista. Essa compreensão da estrutura narrativa não só facilita a leitura e a interpretação de outros textos literários, mas também melhora a habilidade de comunicação e expressão escrita dos alunos.

Os contos literários são frequentemente repletos de elementos imaginativos e simbólicos. Ao explorar essas histórias, os alunos são encorajados a usar sua criatividade para visualizar cenários, personagens e eventos descritos na narrativa. Essa prática fortalece a capacidade de fantasiar e criar, habilidades valiosas não apenas na literatura, mas também em outras áreas da vida. Os contos literários abordam uma ampla gama de temas universais, como amor, perda, amizade, superação e justiça. Ao estudar essas narrativas, os alunos têm a oportunidade de se conectar emocionalmente com personagens e situações, refletindo sobre suas próprias experiências e perspectivas de vida.

## **1 A EDUCAÇÃO, A LEITURA E A LITERATURA**

O texto literário possui um conhecimento único, diferente do conhecimento produzido pela ciência. A literatura permite representar e analisar a realidade de forma não linear, através de uma linguagem distinta da linguagem comum. O autor utiliza seu conhecimento de mundo, recria experiências através de sua imaginação e as expressa por meio de uma linguagem esteticamente trabalhada. O texto literário tem uma função comunicativa significativa, auxiliando o leitor a se emancipar do processo de massificação e a aprimorar seu pensamento crítico; o aluno se reconhece nessa realidade, mas também pode percebê-la de diferentes maneiras.

A linguagem literária, por sua especificidade, permite diversas interpretações e significados que o leitor precisa perceber, exigindo esforço na construção do sentido. Esse esforço repetido e enfatizado desenvolve a competência de leitura, sendo significativo para a vida do aluno, pois a leitura está ligada à educação contínua e se relaciona com suas experiências.

Assim sendo, o estudo da literatura brasileira é uma parte específica do ensino de língua portuguesa. A literatura brasileira abrange todos os textos que fornecem conhecimento sobre nossa realidade social próxima e nossa realidade interior, em contraste com as imposições do discurso dominante. Esses textos também abordam a língua em que produzimos esse conhecimento.

O teórico Antônio Candido (2011), expõe que a literatura é um instrumento consciente de desmascaramento, pois pode focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria e a servidão, apresentando uma relação direta com a luta pelos direitos humanos. É importante reconhecer que a literatura possibilita refletir sobre o mundo e sobre si mesmo, imaginar realidades e reconhecê-las, além de poder formar identidades. Tais características estão relacionadas tanto com o “poder” quanto com o “perigo” dos textos literários e, por isso, ensinar os alunos a transgredir essas fronteiras, tornarem-se efetivamente críticos, deve ser o objetivo mais importante do professor.

Dessa forma, a literatura serve como instrumento de reflexão, questionando o discurso oficial e a ideologia dominante. Para que isso aconteça, é necessário que o leitor desenvolva habilidades críticas tanto em relação ao texto quanto à realidade. Um professor sensível e atento é essencial para mediar a relação entre a literatura e os

acontecimentos sociais, o professor pode estabelecer conexões que permitam a compreensão do mundo por meio da literatura, da arte e da palavra.

Para Paulo Freire, o intuito de educar tem a ver com o comprometimento com a mudança total da sociedade, a missão de despertar nas grandes massas uma consciência crítica e através da alfabetização e do ensino. A escola e a educação devem ser vistas como algo que seja de fato libertador para suas vidas enquanto cidadãos e sujeitos críticos. Em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1996), o autor traz que o ideal sobre a busca da autonomia para o ser humano é o fator principal para o qual a educação se serve, busca dar voz aos oprimidos e garantir uma pedagogia libertadora. A construção e não a transmissão do conhecimento foi um conceito chave na teoria do professor, o ciclo do aprendizado estaria ligado à produção de conhecimento e o percebimento do conhecimento produzido.

## **2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A EJA**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil é uma modalidade de ensino destinada a pessoas que não tiveram acesso à educação na idade regular ou que desejam retornar aos estudos e tem como objetivo principal promover a inclusão social, a redução das desigualdades educacionais e o desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes. Apesar de sua grande importância, a EJA no Brasil enfrenta diversos desafios. Um deles é a questão da evasão escolar, pois muitos jovens e adultos enfrentam dificuldades para conciliar os estudos com suas responsabilidades familiares e profissionais. Além disso, a falta de infraestrutura adequada e a carência de materiais didáticos são alguns obstáculos a serem superados.

A Constituição Brasileira, promulgada em 1988, reconhece o direito universal à educação. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, estabelece a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como uma obrigação do Estado. No entanto, lamentavelmente, pouco progresso foi feito nesse sentido, resultando em diversas falhas e contradições na legislação. Um pouco mais tarde, Parecer CEB/CNE / 2000 (Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação) explicita para a EJA três funções, como mostra Pereira (2013):

a reparadora (que desenvolve a escolarização não conseguida quando criança); a equalizadora (que cuida de pensar politicamente a necessidade de oferta maior para o que é mais desigual do ponto de vista da escolarização); a qualificadora (entendida como o verdadeiro sentido da EJA, por possibilitar o aprender por toda a vida, em processos de educação continuada) (Pereira, 2013, p. 2).

Em concordância com a pesquisadora, é possível afirmar que educar jovens, adultos e idosos não se restringe a tratar de conteúdos intelectuais, mas implica lidar com valores, com formas de respeitar e reconhecer os diferentes e os iguais.

Recentemente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – documento que estabelece competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes, bem como orientações para o planejamento e avaliação das atividades educacionais - trouxe diretrizes específicas para a EJA, reconhecendo suas características e necessidades particulares.

É preciso perceber a escola como um local sujeito a transformações no decorrer do tempo, devendo-se analisar esse espaço enquanto construção histórica e social. O professor de Língua Portuguesa e Literaturas tem um papel essencial na formação de alunos e cidadãos que utilizarão a língua e o conhecimento na construção de um pensamento crítico e reflexivo para a cidadania. Tal como confere a BNCC (Brasil, 2017), cabe a este profissional com temas que sejam, de fato, significativos para os estudantes e que demonstrem a importância da construção de conhecimentos e pensamento crítico.

Como mostra Bell Hooks (2013), para se construir uma comunidade pedagógica eficaz, tendo como princípio uma pedagogia engajada, é necessário transformar a estrutura pedagógica do ensino, como o currículo e outros documentos, emancipar tanto o conteúdo quanto a prática de ensino. Dessa forma, é necessário o reconhecimento pela sociedade de que EJA tem um papel importante na promoção da inclusão educacional e social, permitindo que jovens, adultos e idosos adquiram conhecimentos, desenvolvam habilidades e construam uma base educacional sólida. Através dessa modalidade de ensino, é possível proporcionar oportunidades de emprego, ampliar horizontes e fortalecer a participação cidadã desses indivíduos.

### **3 A EJA EM OURO PRETO**

Em Ouro Preto, cidade localizada na região central de Minas Gerais, a EJA é implementada nas escolas municipais e estaduais, bem como em instituições de ensino particulares. Essas instituições oferecem turmas e horários geralmente noturnos, a fim de atender às necessidades dos alunos que trabalham durante o dia. As escolas do município que ofertam a EJA abrangem desde a alfabetização até o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, permitindo que os estudantes avancem em sua formação educacional de acordo com seu ritmo e capacidade.

O público dessa modalidade, na cidade, geralmente é dividido em dois grupos, sendo o primeiro formado por pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na idade regular e, o segundo, formado por adolescentes que, de alguma forma, não se enquadraram nos moldes do ensino regular. Portanto, é notório que aumenta a cada ano o número de jovens adolescentes matriculados na EJA em Ouro Preto. São moradores tanto do centro como da periferia da cidade, que possuem histórico de repetência escolar e tiveram algum tipo de interrupção dos estudos.

Para o presente trabalho irei retratar aqui a Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal Monsenhor João Castilho Barbosa, onde atuo como professora de Língua Portuguesa. A referida escola é localizada no centro da cidade e oferece aulas no período da noite, referente ao Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Anos Finais). Ao tratar dos alunos da EJA dessa escola, em sua grande maioria, são pessoas negras, empregadas (e às vezes desempregadas), alguns com serviços informais e de variadas idades, de jovens a idosos. Além disso, por se situar em uma localização central, a escola recebe alunos de diversos bairros da cidade, uma vez que são poucas as instituições que ofertam a modalidade na região.

### **3.1 A LEITURA E A LITERATURA NA EJA**

A falta de compreensão sobre as diferentes realidades sociais, aliada a julgamentos simplificados, costuma alimentar a ideia de que pessoas das classes populares não se interessam pela leitura. No entanto, o interesse existe, mas muitas vezes é mediado por fatores objetivos, como o custo elevado dos livros e a necessidade de organizar recursos como o dinheiro e o tempo para outras prioridades do cotidiano.

Em concordância com Pereira (2013), na impossibilidade do aluno da EJA frequentar espaços mediadores de leitura, como exposições, palestras, debates, dentre outros, o professor deve suprir essa demanda através de estratégias que lhe possibilitem vislumbrar e apropriar-se dos diferentes gêneros discursivos que a leitura proporciona, criando condições para que o aluno dialogue com novos textos, posicionando-se crítica e criativamente diante deles, com compreensão, interpretação e aplicação (PEREIRA, 2013, p. 6). Entretanto, na escola lócus do trabalho, um dos espaços que poderia propiciar um maior contato dos alunos aos livros, a biblioteca, é frequentemente utilizada nos turnos da manhã e da tarde na Educação Básica, porém, à noite, ela se encontra fechada na maioria dos dias e somente é aberta caso solicitado por algum (a) professor (a).

Para este relato decidi realizar um recorte e mostrar as práticas literárias realizadas durante as aulas de Língua Portuguesa ofertadas por mim ao 7º ano, 8º ano e 9º ano do primeiro bimestre da Escola Municipal Monsenhor João Castilho Barbosa. Uma vez definido que o gênero norteador do ensino de literatura naquele bimestre seria o conto, realizei uma seleção de contos de alguns escritores da literatura brasileira, como Clarice Lispector, Conceição Evaristo e Machado de Assis. Todos esses autores tiveram uma grande taxa de receptividade e aprovação pelos alunos, mas irei focalizar o relato ao trabalho realizado com o conto “Olhos d’Água”, da escritora Conceição Evaristo.

Acrescento aqui um ponto pertinente à discussão, principalmente no que tange o ensino de literatura, pois é necessário que o professor tenha a noção de como trabalhar com os gêneros textuais de forma que não haja uma simplista e superficial explanação com a explicação sobre a estrutura composicional, mas sim como parte fundamental e essencial da aula, com textos representativos do referido gênero. A partir do contato direto com textos do gênero, por exemplo do gênero conto, o professor pode apresentar e enfatizar algumas características principais do gênero, como a presença de personagens, de um narrador, um enredo e geralmente uma narrativa breve.

Em relação à metodologia para o trabalho com o texto, foi realizada leitura em voz alta e intercalada entre os alunos, de forma que cada um conseguisse ler alguns parágrafos e pudesse, assim, se conectar melhor ao texto. É preciso que o professor observe que, para além da utilidade do texto literário para o ensino de literatura, é possível (e necessário), que aspectos gramaticais sejam tratados na medida em que sua análise efetivamente contribua para a melhor compreensão do texto.

#### 4 O CONTO “OLHOS D’ÁGUA’

Foi elaborado um plano de aula com cinco aulas destinadas ao conto “Olhos d’água”, da escritora Conceição Evaristo, incluindo a leitura coletiva e debate sobre as percepções e impressões dos alunos sobre o conto. O conto escolhido é integrante do livro homônimo, “Olhos d’água”, publicado em 2014 e que rendeu à escritora o prêmio Jabuti na categoria Contos e Crônicas (2015). Conceição Evaristo é hoje reconhecida no país como uma das mais célebres e importantes escritoras da literatura nacional, uma potência na luta contra as condições marginalizadas às quais a população negra está submetida, principalmente a mulher. A escritora defende a presença da literatura afro-brasileira no currículo como forma de resistência ao modo de representação da negritude na cultura hegemônica.

A inclusão da literatura afro-brasileira nas escolas pode desafiar os estereótipos historicamente associados à mulher negra. Ao apresentar textos que verdadeiramente retratam a subjetividade dessas mulheres, valorizando suas raízes, lutas e experiências, a literatura pode contribuir para formar indivíduos mais conscientes e críticos em relação às questões de raça e gênero. Portanto, foi possível realizar uma leitura do conto de forma que fossem consideradas as interseções entre gênero, raça e classe. Os textos de Evaristo representam e denunciam a violência, marginalização da identidade feminina negra e exclusão social enfrentadas pelas afrodescendentes há muito tempo em nossa sociedade. Além disso, as histórias valorizam aspectos da cultura negra e oferecem uma visão esperançosa ao retratar personagens que vislumbram um futuro com mais igualdade e justiça social.

Elaborada por Evaristo, a ideia da escrevivência surge de uma escrita profundamente enraizada na vida, na memória e no corpo de quem escreve. Trata-se de uma literatura que brota das experiências vividas — especialmente das mulheres negras — e que carrega marcas de dor, afeto, luta e sobrevivência, sem jamais se reduzir a um simples testemunho individual. A escrevivência, assim, humaniza a escrita ao afirmar que narrar a própria vida é também um gesto político, capaz de romper apagamentos, ressignificar trajetórias e inscrever, na literatura, sujeitos que por muito tempo foram mantidos à margem do discurso hegemônico.

No conto "Olhos d'água", a narradora expressa sua inquietação por não conseguir lembrar da cor dos olhos de sua mãe. Durante um diálogo interno, fica evidente o sentimento de admiração, respeito e cumplicidade entre mãe e filha. A memória desempenha um papel importante nessa narrativa elaborada através da escrevivência. Através desse recurso, são explorados os laços afetivos e o sentimento de admiração, respeito e cumplicidade entre as personagens, como demonstrado no trecho: "Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, indícios de possíveis alegrias" (Evaristo, 2016, p. 16).

A autora constrói uma imagem positiva da mulher negra, ressaltando, por exemplo, o cabelo crespo com um olhar que foge dos estereótipos construídos culturalmente, quando escreve ao se recordar de sua mãe: [...] da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... da verruga que se perdia no meio de uma cabeleira crespa e bela...”, ou quando relata uma brincadeira comum em sua infância, quando a mãe é citada como uma “boneca negra para as filhas” (Evaristo, 2016, p. 16). Ela enfatiza a importância de exaltar o cabelo crespo, bem como a cor da pele e outros traços físicos distintos, como uma forma de resistir e combater o racismo.

A narrativa retrata por meio da memória alguns aspectos culturais da cultura afrodescendente, como a contação de histórias, a música, a dança e a valorização da ancestralidade. No momento em que a personagem reencontra sua mãe e consegue identificar a cor de seus olhos, ela descreve de que cor eram os olhos de sua mãe:

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum (Evaristo, 2016, p. 18-19).

Assim, Conceição Evaristo quebra com a tradição de uma produção literária que, por muito tempo, retratou a mulher negra de forma simplista e estereotipada na sociedade brasileira. A escrita desse conto se torna, portanto, uma ferramenta valiosa para despertar consciência e promover a emancipação, oferecendo uma representação mais autêntica e significativa.

O conto foi muito oportuno no ambiente da EJA, principalmente por evidenciar aos alunos e alunas negras (que são a maioria na modalidade), que eles são retratados em

diversas manifestações artísticas de forma emancipatória, como na literatura e, inclusive, representados por escritores e escritoras afrodescendentes de grande prestígio e reconhecimento, como Conceição Evaristo.

Na turma do 7º ano, havia duas alunas na faixa dos 50 anos, mulheres negras, mães e que exercem a profissão de empregadas domésticas em casas de família. Ao término da leitura do conto elas se mostraram bastante reflexivas e até mesmo uma delas se emocionou com a leitura: *“Eu juro que parecia que eu estava dentro da história, que eu chorei. Parece que eu estava dentro do livro... Algumas coisas ali eram iguais à minha vida.”* Essa mesma aluna ainda comentou que se recordou de algumas memórias com sua mãe, que, assim como na história, também era devota de Santa Bárbara.

Ao decorrer do debate, em todas as turmas os alunos conseguiram construir sentidos com a leitura e com o que o significado da “cor dos olhos” da mãe da personagem revela. Houve comentários a respeito da cor dos olhos se referir, na verdade, ao olhar de sofrimento da mãe, ao amor que ela sentia pela família e até mesmo das histórias tristes pelas quais passou a personagem. Tal acontecimento revela um preceito trazido por Bakhtin (1981), de que o processo de aprendizagem implica a apropriação de discursos, ou seja, o processo de converter as palavras alheias em próprias.

Como revela Stuart Hall (2006), a questão da identidade é campo de vasto debate e conceituação. Para muitos estudiosos, de áreas como a educação, da sociologia e da filosofia, as identidades modernas estão entrando em colapso, de modo que Hall sugere a ocorrência de um processo de deslocamento ou uma descentralização do sujeito, uma “perda de si”.

As identidades passam a ser como algo mutável, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos e, com isso, a identidade completa e coerente seria uma utopia. Ainda de acordo com o autor, a identidade é algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”(Hall, 2006, p. 38). Portanto, em um local como a escola, a identidade dos sujeitos ali presentes, seja dos professores, seja dos alunos, está constantemente em construção.

Assim, as experiências vivenciadas e os processos de subjetivação podem (trans)formar os sujeitos que convivem entre si no ambiente escolar. Isso se dá diversas

maneiras, seja por meio do processo de ensino-aprendizagem, seja ainda pela simples convivência com pessoas diferentes que trazem consigo outras realidades e culturas. Dessa forma, é papel do professor buscar representatividades identitárias e diferentes culturas para sua sala de aula.

## 5 Considerações finais

É importante que os alunos se familiarizem com textos literários e não se sintam intimidados, ao acreditarem que não estão preparados para compreendê-los. Devem perceber que os textos literários não oferecem respostas prontas, mas sim questionamentos que desafiam a busca de sentido. Além disso, é importante aprender a dialogar com outros textos, sejam contemporâneos ou antigos, nacionais ou estrangeiros.

A inclusão da literatura afro-brasileira foi de grande relevância no currículo escolar e é capaz de gerar rupturas, questionamentos e uma nova perspectiva sobre os métodos educacionais. Além disso, valoriza os autores e suas obras, reconhecendo o compromisso social assumido por eles ao abordar as opressões de raça, classe e gênero enfrentadas por grupos minoritários. Essa inclusão contribui para as discussões sobre igualdade social e amplia a consciência dos estudantes sobre a diversidade e as questões sociais relevantes.

Ao abordar as dificuldades enfrentadas pela população negra, especialmente pelas mulheres negras, os textos literários contribuem para a reflexão sobre as condições históricas e sociais que sustentam as opressões de gênero, classe e raça. Eles desmistificam o mito da democracia racial ainda presente em nosso país. Ao se libertarem dos estereótipos historicamente atribuídos às mulheres negras na literatura brasileira, esses textos se tornam um ato de resistência ao discurso dominante, assumindo uma postura política.

Ainda há muito a ser feito para aprimorar a EJA no país. É fundamental investir na formação de professores, na melhoria da infraestrutura das escolas e na adequação dos currículos às necessidades dos estudantes. Dessa forma, será possível avançar na construção de uma educação inclusiva e de qualidade para todos os brasileiros, independentemente da idade. Por mais difícil que seja exercer a profissão docente, é preciso acreditar que a mudança na Educação está acontecendo pelo esforço de todos os

professores que são comprometidos com o ensino e a formação de sujeitos políticos, críticos e autônomos.

Considerando as trajetórias marcadas por interrupções escolares, desigualdades sociais e múltiplas experiências de vida, é imprescindível que as propostas pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos valorizem práticas de leitura significativas, dialógicas e contextualizadas, capazes de reconhecer os saberes prévios dos estudantes e promover sua participação crítica. Nesse sentido, faz-se necessária a ampliação do acesso a obras literárias diversas, especialmente aquelas que dialoguem com as vivências dos educandos, bem como o investimento em formação docente continuada, voltada para metodologias que articulem leitura, identidade e consciência social. Tais proposições contribuem para fortalecer a EJA como espaço de inclusão, de valorização da experiência humana e de efetivo exercício do direito à educação e à literatura.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. *The dialogic imagination: four essays*. Austin, Texas. University Austin Press, 1981.

CANDIDO, Antônio. *O direito à literatura*. In: Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11a ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p.07-22.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

PAIVA, Jane; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Educação de jovens e adultos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. *A leitura da literatura na Educação de Jovens e Adultos*. UERJ, Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

RIBEIRO, Vera Masagão. *Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras*.  
Campinas: Mercado de Letras, 2006.

SOARES, Magda. *Letramento e escolarização*. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.).  
*Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2004. p. 89-113.